

RESENHAS





DIÁLOGO/DESENHO

Oscar d'Ambrósio*

Estimados Marcia Tiburi e Fernando Chuí,

Escrevo este comentário em forma de carta porque foi assim que vocês conceberam o livro *Diálogo/desenho*. Afinal, a filosofia e a música, áreas importantes de atuação de cada um, respectivamente, têm no desenho um ponto de encontro que motiva algumas reflexões. Lendo as trocas de letras, períodos e raciocínios entre vocês, permito-me algumas observações.

Entendo o desenho como um conhecimento do mundo, uma espécie de digital que marca uma inteligência do olhar. Por isso, a prática de aulas de modelo vivo, por exemplo, surge como algo fundamental. Não se trata do aprender de um fazer, mas do pesquisar e dominar maneiras de ver, ou seja, de pensar.

Ao longo das cartas, muitas opiniões são trocadas sobre dois elementos primordiais quando se pensa em desenho: a técnica e o procedimento. A primeira pode ser aprendida e, como Fernando sabe muito bem, como professor de desenho, não é tão difícil assim encontrar aquele que desenha com perfeição, dentro de moldes estabelecidos pelas antigas academias, mas que não coloca alma naquilo que disponibiliza ao observador na forma de traços.

O procedimento é a maneira de trabalhar com a técnica. Trata-se de um modo de lidar permeado por um vicejar interior, uma necessidade de dizer algo, uma força em potência que se vale dos materiais, como carvão, nanquim e outros instrumentos, para registrar um depoimento. Este, seja de observação do real ou de imaginação, nunca brota do nada, mas traz consigo componentes que são as referências do artista.

A criança, por exemplo, nasce desenhando, mas a família, por achar que aquilo é uma perda de tempo; a escola, ao considerar que aquela atividade dispersa das disciplinas regulares; e o trabalho, por ser contra tudo aquilo que não é visto como produtivo, são fatores que muitas vezes limitam vocações.

Não é uma coincidência que ocupações ligadas à terceira idade retomam o desenho ou que muitas pessoas, após se aposentarem, buscam nas artes plásticas um porto seguro. Elas

* Doutorando em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e mestre em Artes pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp).

estão apenas retomando uma prática que lhes foi retirada ou cerceada em algum momento – ou em vários – de suas vidas.

Se a técnica e o procedimento fossem vistos como elementos que caminham juntos, num processo que pode ser definido como uma poética, seria possível talvez pensar na recuperação do desenho como um significado e significante que trabalha unido – e de maneira poderosa – na construção de uma inteligência visual do mundo.

As cartas de vocês tangenciam a questão da arte conceitual e como ela é muitas vezes vista nas faculdades de artes como algo separado do desenho. Isso ocorre, em boa parte, porque não são poucos os que entendem esse tipo de pensamento artístico como uma ideia que está acima de uma obra materializada.

Esse tipo de raciocínio traz o que podemos chamar de "arte da sacadinha", onde uma atitude ou um pensamento podem vir a ser mais importantes que a sua própria realização. O desenho, visto por essa óptica, comporta algo amedrontador: ele já é o próprio conceito e revela, como poucas técnicas, muito da personalidade de quem o faz.

No desenho, é difícil se esconder ou enganar. Ser um fingidor, no ato de desenhar, demanda um exercício quase esquizofrênico de perda ou troca de identidade. Desenhar como outra pessoa é uma busca de outro eu, quase um ato amoroso ou raivoso de assumir o lugar do outro na busca de um traço que não é próprio, mas alheio.

Falando em traços, vocês mergulham na arte de rua, como o grafite, nos *naifs* e na tatuagem. Creio serem elementos, em alguns aspectos, um pouco diferentes, principalmente quando é feita a relação entre Arthur Bispo do Rosário e os gêmeos (eles preferem que seja grafado deste modo, todo junto e sem acento, em letras minúsculas), oriundos de fontes distintas.

O fato de o grafite começar a ganhar espaço nas galerias não me parece um mal em si mesmo. Há artistas como o Alex Hornest, que tem na assinatura Onesto seu heterônimo mais famoso, que optou por mergulhar no universo das galerias, mas, mesmo assim, ainda sai à noite grafitando quando tem vontade, usando outros nomes e características pictóricas.

Quanto a os gêmeos, eles não passaram pelos bancos universitários e começaram a sua jornada por bairros como Cambuci, em São Paulo, realizando hoje, com a ajuda do outro irmão, um trabalho plástico que se aproxima cada vez mais do contemporâneo pela inserção de instalações e máquinas em galerias, como a Fortes Vilaça, ou instituições, como a Faap-SP.

O Bispo do Rosário é ainda uma outra caminhada. Sua produção não tinha uma intencionalidade plástica, mas uma catalogação do cotidiano e uma forma de aproximar-se mais e de se apresentar perante Deus no momento de sua morte. A organização de sua obra, por meio de curadorias, estabelece um outro contexto, em que o falar do curador é determinante, fazendo perder muito da espontaneidade do trabalho.

A esses breves comentários, pode-se somar um sobre as tatuagens. Se há nelas algo de rebelde e tribal, existem também o elemento sedutor e a curiosidade. Ao ler as descrições

das que Márcia possui, foi inevitável a lembrança do conto "Uns braços", do imortal Machado de Assis.

O movimento dos braços, seja numa aula, num programa de televisão ou numa conversa informal, aponta para um jogo de esconder e revelar. E não é exatamente isso que o desenho faz? Cada imagem traz em si uma verdade e também um fingimento. Traz, como foi dito, uma verdade, mas também um mistério.

A arte *naïf*, também mencionada no livro, comporta outra dimensão. O artista autodidata, sem formação erudita, que geralmente trabalha com cores primárias em intensas tonalidades, é bem distinto da arte bruta sem freios de um Bispo ou dos tatuadores, muitos inclusive que buscam aulas de desenho e pintura para aperfeiçoamento.

O maior questionamento precisa ser na verdade que um trabalho carrega. Hoje, cada vez mais, o discurso sobre a arte vem a se tornar mais importante do que a própria arte. Fala-se mais sobre o desenho do que se pratica o seu fazer. Isso traz o sério risco de que este não seja mais visto em sua grandeza, passando a ser apenas o pretexto para um discurso.

Arte conceitual, em seus piores momentos, gera um desserviço à arte de modo geral. O observador, em geral, não a aprecia e busca no texto de parede, no monitor treinado por uma instituição ou no catálogo um paradigma de compreensão. Geralmente, salvo as exceções que confirmam a regra, os três se apresentam numa linguagem tão cifrada pela semiótica, pela filosofia e pelo jargão acadêmico e universitário, que só resta ao visitante ir para casa. Sai da mostra com a sensação que ele é um despreparado e inepto a entender e dialogar com o que viu.

Sob a alegação de que a arte contemporânea exige repertório, boa parte das exposições surge como algo cifrado, elitista e acessível a poucos. O que resta? Talvez o desenho. Não por ser bruto, puro ou ingênuo, mas por portar algo inato de quem o pratica.

Nesse ponto, tocamos em algo que as cartas de vocês apontam: o dom. O vocábulo é assustador, mas tudo que incomoda, como vocês sabem melhor do que eu nas suas experiências profissionais, é o mais interessante. O termo é visto com desprezo principalmente por arte-educadores, porque questiona o próprio papel deles no processo de formação de novas gerações.

O fato é que basta distribuir lápis de cor, em uma sala de aula, para crianças no ensino fundamental para perceber como algumas demonstram familiaridade sabe-se lá o motivo. Chamar isso de dom pode não ser politicamente correto numa sociedade em que se acredita que o saber sempre é construído. Essa habilidade, porém, tem um mistério que a razão desconhece, é um ponto de discussão dos mais ricos.

À questão proposta no parágrafo anterior, alia-se a reflexão sobre o inacabado de um desenho. Creio que nenhuma obra artística, seja no campo da visualidade ou da escrita, mereça o carimbo de "acabada". Isso significa que também devemos pensar melhor sobre o que significa um "esboço".

Não acredito nem em um nem em outro, mas sim em processo. Entregar uma obra a um editor, envernizar um quadro ou enviar um desenho ao moldureiro e expô-lo sob um vidro é um momento solene de aparente morte de uma criação, embora ela reviva em quem a leia ou observa.

Processos muito presentes na arte contemporânea, como a raspagem para revelar camadas anteriores de pintura, deixar a própria tela aparente ou ressaltar o branco do papel de uma aquarela ou desenho, são indícios de que a obra acabada, de fato, não existe – ou, pelo menos, que esse conceito de obra acabada pode ser muito questionado.

Criar é mover-se. As cartas que vocês trocaram são de um dinamismo mental avassalador. Não vejam nesta palavra um elogio desmedido ou um questionamento vazio. Entendam isso, por favor, com a carga emotiva de quem ama o desenho tanto quanto vocês e encontrou, no livro que vocês realizaram, uma maneira de também se expressar e compartilhar percepções do desenho.

Cada vez mais, sinto o desenhar, no sentido de uma resposta ao mundo, como o resultado do diálogo entre dois pares de forças criadoras. Por um lado, desenha-se no embate entre aquilo que se vê no mundo e aquilo que se poderia ver, algo que Salvador Dalí expressa muito bem. Por outro, existe a tensão entre aquilo que se deseja realizar e o que se consegue, algo já expresso por Marcel Duchamp e que diversas falas de vocês trazem à tona.

Entre essas quatro forças, o livro de vocês se equilibra e desequilibra, estruturando um desenho caleidoscópico do pensamento. O prazer lúdico e o pensar aprimorado se oferecem ao leitor, que ainda contempla desenhos de corpos e seres da natureza reais e imaginários.

Talvez, como apontavam Lope de Vega, Jorge Luis Borges e Pirandello, entre muitos outros, nem nós mesmos existamos, sendo apenas o desenho do sonho de alguém. Pelo menos, com livros como o de vocês, sinto que estamos num bom desenho/sonho. Ou sonho/desenho? Quem sabe?

Até um próximo!

Abraços de desenhos sonhadores (sonhadores desenhos?).

TIBURI, M.; CHUI, F. *Diálogo/desenho*. São Paulo: Senac, 2010. 195 p.